

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 5 – Vingança e Amor

Mateus 5. 38-48

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

Nosso texto para este estudo, **Mateus 5, 38-48**, é desafiador. Estamos diante das instruções de Jesus, ainda sobre o tema dos confrontos entre a interpretação da Lei pelos escribas e fariseus e o que Jesus esperava dos seus discípulos. Já o primeiro versículo, “ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente” nos assusta e nos interpela. Em função disso, em recente aula na Escola Bíblica Dominical, perguntei aos estudantes: qual o sentimento da classe diante desta passagem? É um texto de fácil aplicação? Qual é mais fácil, a aplicação do SIM, SIM e Não Não ou estas instruções agora lidas? Quais as dificuldades que a classe encontra neste texto? É fácil renunciar aos direitos? O amado ouvinte deve ter ideia das diferentes respostas obtidas.

Como fizemos com o estudo anterior, vamos dividir o nosso trabalho em três etapas: analisar as instruções registradas no Antigo Testamento, em seguida como os escribas e fariseus entendiam e praticavam e, por último, o que Jesus nos ensinou.

a) A instrução no Antigo Testamento

Vamos verificar a instrução no AT, a partir de três textos: **Êxodo 21,22-27**, **Levítico 24, 19-20** e Deuteronômio 19,15-21 que, em função do nosso texto, deixaremos de ler. A análise do conteúdo desses registros bíblicos nos mostra que:

· a Humanidade está sempre disposta a reagir diante das agressões e a lutar pelos seus direitos. Era necessário colocar um freio na

tendência para **reações agressivas e tratadas com ira e ódio**, sem pensar na exata proporção do que havia acontecido.

· O princípio que norteava estas instruções era claro: pelo dano causado pode haver indenização de igual valor.

· as instruções incluíam ainda a questão dos estrangeiros. A Lei equiparava os direitos e deveres de ambos.

· ali temos nova provisão para proteger o inocente: a instrução o protege contra a falsa acusação.

· Esses textos tratam de uma série de “ordenanças” nas quais os padrões dos 10 mandamentos são aplicados à vida da jovem nação.

Mas, para quem foram preparadas essas ordenanças?

· Estes textos são instruções para os juízes de Israel. É uma expressão da “lex talionis”, o princípio da retribuição exata, cujo propósito era estabelecer o fundamento da justiça, especificando o castigo que o culpado merecia e limitar a compensação de sua vítima (Stott). Tinha o duplo efeito de caracterizar a justiça e refrear a vingança.

· É quase certo que, no tempo de Jesus, a retaliação literal pelos prejuízos já fora substituída pela prática legal judaica das penalidades serem pagas “em dinheiro” ou “custo”.(Stott)

b) A instrução dos escribas e fariseus :
(Lloyd-Jones)

Os escribas e fariseus **estendiam** este princípio da justa retribuição dos tribunais legais (aos quais pertencia) para o reino dos relacionamentos pessoais (ao qual não pertencia). Assim fazendo, burlavam a lei que proibia terminantemente qualquer vingança pessoal. Toda a série de instruções tinha o propósito justamente de inibir a vingança pessoal.

c) as instruções de Jesus:

Jesus selecionou quatro ilustrações para demonstrar a necessidade de deixarmos de lado o “eu” e passarmos a enxergar o “outro”:

Jesus apresenta, em primeiro lugar (38-42), a atitude **passiva e sem vingança**. Nesta parte, ele dá instruções sérias que envolvem quatro exemplos:

- a) voltar a outra face, que desfaz o princípio de retaliação. Aqui aprendemos a **desistir de buscar a vingança sobre qualquer coisa ou dano que nos tiverem feito**.
- b) questão da túnica e da capa: Jesus orienta sobre a nossa tendência de **exigir nossos direitos legais**. O crente **não deve ficar preocupado com insultos e defesas pessoais**.
- c) andar a segunda milha: **cumpre-nos fazer aquilo que de nós for exigido e mais do que nos for exigido**. O ensino diz respeito ao ressentimento de um homem face às exigências que as autoridades governamentais procuram fazer. Alude à nossa aversão a legislação que não aprovamos.

- d) dar e emprestar: mais uma vez, está em pauta a negação do próprio “eu”. Jesus se preocupava com a tendência humana para o apego às posses materiais. Se a pessoa estiver passando por necessidade real, cumpre-me o dever de ajudá-la, se é que tenho a possibilidade de fazê-lo.

Em segundo lugar, Jesus ensina sobre o amor ativo (43-48). É a questão do amor ao próximo. **Nosso próximo, no vocabulário de Deus, inclui o nosso inimigo**. O que o faz ser nosso próximo é ser um humano em necessidade da qual tenhamos tomado conhecimento. Na classificação de Stott, nestas duas últimas afirmações de Jesus, temos nove degraus ascendentes a serem galgados com a intervenção do Alto:

- a) não adotar qualquer iniciativa perversa;
- b) não nos vingar do mal;
- c) de ficar quietos;
- d) de sofrer a injustiça;
- e) de conceder ao malfeitor mais do que ele exige;
- f) não odiá-lo;
- g) amá-lo;
- h) fazer bem a ele e
- i) orar por ele.

Precisamos ter bem claro que esse ensino não se destina nem às nações e nem ao mundo em geral; nada tem a ver com o indivíduo que não é crente. É como se Jesus tivesse dito àquelas pessoas: **é deste modo que precisam viver**. Jesus estava falando para pessoas que já haviam aprendido sobre as bem-aventuranças. O ensino deste preceito não pode ser observado por quem não possua estas qualidades. Advogar esse ensino como se fosse norma a ser observada por uma nação ou país é torna-lo herético.

Advogar que um indivíduo que não nasceu do alto possa seguir esses ensinamentos é heresia porque **sinalizará para a justificação pelas obras**. Ex.: Nicodemos.

“O que vocês estão fazendo mais do que os outros?” Nossa justiça tem de exceder a dos fariseus (20); nosso amor deve ultrapassar o dos gentios (47). O amor que somos chamados a ter é o próprio amor de Jesus: “sede vós, pois,

perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.”

Diante de tantos desafios, só nos resta cantar, em contrição: “que a beleza de Cristo se veja em mim.” Somente desta forma, a partir do **processo gradativo de identificação pessoal com Jesus**, é que compreenderemos o último versículo deste abençoado capítulo: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” Que este seja o nosso desejo hoje, amanhã e sempre.

Apoio bibliográfico:

- CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus. 2002
- CHOURAQUI, André. Matyah – O Evangelho Segundo São Mateus. Rio de Janeiro: IMAGO. 1996
- DAVIDSON, F. editor. O Novo Comentário da Bíblia – vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- LLOYD-JONES, Martyn. Estudos no Sermão do Monte. São José dos Campos: Fiel. 1999
- STERN, David. Comentário Judaico do Novo Testamento. Belo Horizonte: Atos. 2008
- STERN, David. O Novo Testamento Judaico. São Paulo: Vida. 2007
- STOTT, John R.W. A Mensagem do Sermão do Monte. São Paulo:ABU-Editora. 1993
- TASKER, R.V.G. Mateus. Introdução e Comentário. São Paulo: Mundo Cristão. 1988